

INTERNACIONAL

# Economia sofre com guerra

● *No Brasil, indústria bélica seria única a ganhar*

Renan Cepeda — 03.05.90

A indústria bélica nacional — especialmente as empresas Avibrás e a concordatária Engesa — é o único setor da economia nacional que poderá ser beneficiado com o conflito envolvendo o Iraque e a força multinacional encabeçada pelos Estados Unidos, no Golfo Pérsico. Todos os outros segmentos deverão amargar pesadas perdas, segundo avaliação do ex-presidente da Associação Brasileira das Empresas do Comércio Exterior (Abce), Paulo Protásio, e do chefe do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Marco Antônio Guarita.

Na hipótese de deflagração do conflito, o maior impacto ocorreria em função da elevação do preço do petróleo que, segundo cálculos do governo, poderia pular dos atuais US\$ 27 para algo próximo de US\$ 90 o barril. Essa alteração detonaria uma série de fatores negativos para a economia mundial, arrastando o Brasil em todas as suas consequências.

As empresas brasileiras que exportam ou que possuem contratos de prestação de serviços para os mercados do Oriente Médio seriam duramente castigadas, segundo Guarita. Não só pelo fechamento dos mercados diretamente envolvi-



**Protásio: mais recessão**

dos no conflito, como também devido ao encarecimento do frete internacional, atingido pelo preço do seguro naquela região.

Neste caso específico, empresas como a Mendes Júnior, na área de serviços de engenharia, além da Perdigão e da Sadia, que fornecem

frangos abatidos para a região, ficariam sem aquele importante mercado. Guarita observa ainda que, dependendo da extensão da crise econômica nos mercados americano e europeu, em consequência do confronto militar no Golfo, a economia brasileira poderá sofrer ainda mais. Haveria uma natural seletividade nas importações desses dois mercados, comprometendo o esforço brasileiro de conseguir divisas com as vendas externas.

Raciocínio semelhante foi desenvolvido pelo empresário Paulo Protásio, presidente da Associação Comercial do Rio, e que por muito tempo militou na área de comércio exterior. Ele acredita que as perdas mais significativas para a economia brasileira aconteceriam em decorrência da retração dos mercados compradores dos produtos brasileiros, especialmente Estados Unidos e Comunidade Econômica Européia. "Todas as nações que estiverem envolvidas no conflito vão se organizar para realizar suas compras em função de suas necessidades imediatas", afirma. Essa situação, na opinião de Protásio, poderá, inclusive, contribuir para o aprofundamento da recessão brasileira, prejudicando até a reestruturação da indústria nacional, imaginada pelo novo governo.